



Saúde e Sociedade

ISSN: 0104-1290

ISSN: 1984-0470

Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
Associação Paulista de Saúde Pública.

Silva, Alexandro da; Castro-Silva, Carlos Roberto; Moura, Ludmila de
Pesquisa qualitativa em saúde: percursos e percalços da formação para pesquisadores iniciantes
Saúde e Sociedade, vol. 27, núm. 2, 2018, Abril-Junho, pp. 632-645
Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Associação Paulista de Saúde Pública.

DOI: 10.1590/S0104-12902018172700

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406263851026>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Pesquisa qualitativa em saúde: percursos e percalços da formação para pesquisadores iniciantes

Qualitative research in health: routes and difficulties in beginner researchers' education

Alexandro da Silva^a

^aUniversidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde. Santos, SP, Brasil.
E-mail: alexandro.silva@unifesp.br

Carlos Roberto Castro-Silva^b

^bUniversidade Federal de São Paulo. Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva. Santos, SP, Brasil.
E-mail: carobert3@hotmail.com

Ludmila de Moura^c

^cUniversidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde. Santos, SP, Brasil.
E-mail: ludmilapsico@gmail.com

Resumo

O artigo descreve os núcleos de significação social identificados nas falas de profissionais de saúde da atenção primária com relação à qualidade das ações desenvolvidas. Trata-se de estudo de caso realizado em dois serviços organizados segundo modelos diferentes: uma unidade “tradicional”, com agentes comunitários, e uma de saúde da família. As entrevistas e observações realizadas são analisadas a partir do referencial proposto por Vigotski, em diálogo com a literatura sobre o processo de trabalho em saúde. Os resultados apontam como principais núcleos de significação da qualidade na atenção básica o acolhimento como interação entre profissional e usuário do Sistema Único de Saúde, as diversidades de ofertas multiprofissionais e intersetoriais, os agentes comunitários como elo entre equipe de saúde e comunidade, e o trabalho em equipe e gerenciamento democrático. Ainda que esses núcleos estejam socializados entre os profissionais como significados de qualidade, observam-se tensionamentos e contradições entre o legitimado e o instituído como prática.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Serviços de Saúde; Qualidade da Assistência à Saúde.

Correspondência

Alexandro da Silva
Av. Cesare Mansueto Giulio Lattes, 1201, Eugênio de Melo.
São José dos Campos, SP, Brasil. CEP: 12247-014.

Abstract

This article describes the cores of social significance identified in the speeches of primary healthcare professionals regarding the quality of the actions performed. This is a case study carried out in two services organized according to different models: a “traditional” unit, with community agents, and one for family healthcare. The interviews and observations are analyzed based on the framework proposed by Vigotsky, dialogically with the literature on the working processes in health care. The results point as the main cores of quality in basic care: reception as interaction between professional and user of the Brazilian National Health System (SUS); diversity of multi-professional and intersectoral offers; community agents as a link between healthcare team and community; and teamwork and democratic management. Even though these aspects are socially understood as cores for quality in primary health care among professionals, there are tensions and contradictions between the legitimized and the instituted as practices.

Keywords: Primary Health Care; Health Services; Quality of Health Care.

Introdução

Este estudo é animado pelos desafios encontrados no cotidiano de pesquisadores iniciantes do campo da saúde que optam por realizar pesquisa qualitativa. Os processos de supervisão de pesquisa, participação em disciplinas, seminários, congressos, diálogos entre pares e o contato com pesquisadores experientes propiciam a emergência de muitas possibilidades de construção de uma trajetória acadêmica na pós-graduação.

Essas opções, embora possam comportar vivências acadêmicas precedentes, concepções ontológicas e epistemológicas desenvolvidas, muitas vezes são trilhadas de forma intuitiva pelos pesquisadores iniciantes.

Se, como observamos, essa condição é comum no processo de formação de pesquisadores brasileiros (Bosi, 2012), podemos verificar que o treinamento em pesquisa qualitativa em outras realidades faz parte do processo formal de desenvolvimento de jovens pesquisadores (Baker; Edwards, 2012; Bazeley, 2003; Clarke, 2004).

Nossa trajetória de discussões no espaço do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, no campus da Baixada Santista, por meio do Laboratório de Estudos da Desigualdade Social (Leds - Martín-Baró), trouxe-nos inquietações que conectam nossos percursos formativos com o desenvolvimento de nossas pesquisas.

O processo de formação de pesquisadores qualitativos na área da saúde ocorre em um contexto marcado pela complexidade da intersecção entre dois campos - o campo da pesquisa qualitativa e o campo da saúde - que, longe de serem campos estáveis, do ponto de vista de uma organização interna, comportam diferenças importantes que estabilizam modos heterogêneos de se configurar como organizadores desses temas.

A ideia de campo utilizada liga-se à discussão de campo social desenvolvida por Pierre Bourdieu (2003) que, naquilo que concerne à ciência, diz sobre a disputa entre os monopólios da autoridade do discurso científico que advém daquilo que é socialmente considerado como competente quando se fala em ciência.

Para pesquisadores iniciantes, no exercício de um conjunto de habilidades acadêmicas, a compreensão dessa diversidade, que não se resume somente a uma dimensão formal, ligada ao domínio da lógica de determinados discursos – conceituais ou metodológicos –, mas com impactos políticos, sociais e econômicos (Bosi, 2012), torna-se fundamental para uma inserção tanto acadêmica quanto politicamente orientada. Essa faceta, ligada à reflexividade, é uma construção que se dá na intersecção de muitos elementos que compõem a trajetória de desenvolvimento de um pesquisador. Nesse sentido, compreende-se que a relação de ensino-aprendizagem (Ramos et al., 2010), o produtivismo (Bosi, 2012; Praxedes, 2009; Sguissardi; Silva Junior, 2009; Silva, 2009), o desgaste mental dos orientadores em face do produtivismo (Bernardo, 2014), as políticas que orientam os programas de pós-graduação (Ramos et al., 2010), entre outros elementos, tornam-se questões constituintes de uma investigação qualitativa, independentemente de fazerem parte ou não do que é dito e do que chega até nós por meio de seus produtos (Ramos et al., 2010).

Ao lado dessas questões temos o campo mais tangível do desenvolvimento em pesquisa qualitativa quando pensamos no emaranhado de possibilidades que compõem as escolhas ligadas aos referenciais teórico-metodológicos. Para este trabalho, optamos por discutir essa questão colocando em perspectiva dois movimentos que observamos pautar escolhas na constituição de pesquisas qualitativas no campo da saúde.

Utilizaremos dois autores para essa tarefa: as contribuições de Demo (1998) e de Pérez-Abril (2009), pois ambos reúnem questões em seus trabalhos que dão ênfase distinta à possibilidade da pesquisa fora do cânone quantitativo. É possível pensar, a partir da discussão posta por esses autores, um espectro caracterizador da pesquisa qualitativa, no qual temos, por um lado, uma ênfase em sua dimensão formalizante (técnicas e métodos), e, por outro, uma ênfase em sua dimensão ético-política.

Em seguida, vamos discutir especificamente a questão da pesquisa qualitativa em saúde, por meio de um levantamento assistemático de artigos que têm essa temática como eixo

norteador da discussão. No conjunto, essas reflexões pretendem sintetizar, sem a pretensão de esgotar, problemáticas que contribuam para que pesquisadores iniciantes possam ampliar o rol de elementos a serem considerados em sua trajetória de formação e pesquisa.

Adentrando o campo da formação em pesquisa

Para um pesquisador iniciante, mesmo aqueles cuja trajetória pressupõe um percurso prévio via iniciação científica na graduação, adentrar em um processo de formação em pesquisa muitas vezes significa fazer escolhas teórico-metodológicas muito mais amparadas na expertise de seu orientador e/ou no programa de pós-graduação do que em um processo particular de amadurecimento iniciado na graduação.

Nossa própria tradição cultural pouco nos habilita a lidar com a dimensão qualitativa dos fenômenos, sobretudo quando pensamos na formação pregressa dos pesquisadores e posteriormente, já inserida no contexto acadêmico, na falta de núcleos e disciplinas voltadas à discussão sobre pesquisa qualitativa (Bosi, 2012).

Esses processamentos demandam tempo, amadurecimento pessoal, científico; e conciliar o rigor que essa articulação demanda com as características atuais da formação, no mestrado e no doutorado, não é uma tarefa simples e equacionável com as adaptações que fracionam o processo para torná-lo realizável (Mezan, 2010; Reinach, 2013).

Na maior parte das vezes, o pesquisador principia sua atividade em pesquisa qualitativa tateando as possibilidades de construção do conhecimento por meio da polissemia compreendida em constructos como paradigmas, teorias, métodos, enfoques, procedimentos, entre outros.

O contorno de seu trabalho será feito em função da ênfase que é posta ou no método, em sua acepção de procedimentos e técnicas, como forma científica legítima de produção de conhecimento (Demo, 1998), ou na capacidade de problematizar os discursos que tornam procedimentos e técnicas elegíveis enquanto representantes legítimos do fazer científico (Pérez-Abril, 2009).

O iniciante e a forma

Quando coloca em discussão a necessidade de equilíbrio entre forma e conteúdo na possibilidade de uma pesquisa qualitativa com legitimidade científica, Demo (1998) traz à discussão o processo histórico que permitiu à pesquisa qualitativa sua emergência no campo da produção científica.

Para o autor, essa possibilidade representou uma ruptura em vários níveis de estruturação do campo quantitativo, sobretudo naquilo que está mais diretamente ligado à concepção de estabilidade da natureza dos fenômenos, pois foi possível tanto ampliar o rol de questões e problemas cuja exploração quantitativa não produzia compreensões, ou tinha limitações claras nessa tarefa, quanto assumir a multiplicidade de naturezas que determinados fenômenos encerram.

O autor nos chama a atenção para o fato de que essa condição só foi possível graças ao aprimoramento metodológico contínuo, ou seja, a progressiva saturação do aperfeiçoamento técnico é que foi capaz de construir um limiar interpretativo para os estudos quantitativos; e esse limiar logicamente estava ligado à pretensão de um método que servisse à leitura de qualquer fenômeno.

O que foi possível compreender é que os estudos quantitativos tinham limites de compreensão precisos para objetos e fenômenos igualmente precisos. Se a natureza do objeto ou fenômeno compartilha percepções estáveis no espaço e no tempo, sua exploração por metodologias quantitativas demonstra condição de desenvolvimento técnico (a face formalizável do processo de construção do conhecimento) que conforma uma produção coletiva de conhecimento.

Essa produção teria como característica a suposta isenção das concepções que orientariam determinadas escolhas, tais como a adoção de determinadas acepções de determinados fenômenos em vez de outras. Também como parte do fazer investigativo, e decorrente dessa condição, as práticas de pesquisa seriam consideradas isentas de subjetividade uma vez que os termos – independentemente dos pesquisadores, do tempo e do espaço – estariam definidos *a priori*, com base em consensos compartilhados por pares, o que

corroboraria sua natureza neutra com vistas à possibilidade de um conhecimento válido para todos.

Quando reforça a atenção para a necessidade da face de formalização dos fenômenos, Demo (1998) põe em evidência a questão dos parâmetros procedimentais e técnicos que balizam a possibilidade da construção de determinadas interpretações. Para o autor, assumindo, por assimilação, o processo de desenvolvimento técnico dos estudos quantitativos, são esses parâmetros claros, definidos e compartilhados que permitem o aprimoramento contínuo do fazer científico.

Para ele, “um dos problemas mais agudos dessa questão é a indefinição de qualidade, já que nela cabe tudo e nada, ao sabor de qualquer coisa, tornando as pesquisas qualitativas experimentos excessivamente tópicos e inconclusivos” (Demo, 1998, p. 92).

Talvez não compartilhando a mesma lógica de indagações do autor, mas aludindo a uma questão muito próxima, Bosi (2012) indica que, a despeito da possibilidade histórica e da riqueza que a diversidade metodológica imprime à metodologia qualitativa, seria importante criar parâmetros conceituais e metodológicos que permitissem à comunidade científica ligada a esse campo o compartilhamento e a possibilidade de avanços tanto nos níveis da formalização científica quanto da intervenção ético-política.

Partindo dessa lógica de discussão, quando um pesquisador iniciante elabora suas questões e desenhos de pesquisa qualitativa, seria importante criar condições práticas de reflexão sobre o nível de conhecimento formal ligado às etapas de delineamento de seus projetos, sobretudo no que tange às apropriações teóricas e metodológicas que guiam essas escolhas. Essas reflexões, no conjunto, podem balizar o aprofundamento dessas referências e alinhar demandas provenientes do rigor científico que estão ancoradas tanto no nível dos procedimentos em si quanto no impacto ético-político que dessa adoção decorre para a sociedade.

Para Demo (1998, p. 99), “conhecimento não vale por si nem em si, mas como meio para realizar os fins e valores sociais, em termos do bem comum”. Por essa via seria possível repensar a tradição dos processos de ensino-aprendizagem

na pós-graduação, considerando que a despeito do produtivismo que viceja na atualidade é também função social do pesquisador iniciante reconstruir o conhecimento. Dessa forma, sua transmissão - que é sempre uma dimensão coletiva, que se dá por meio dos orientadores, programas, trocas e intercâmbios - precisa deixar a dimensão operacional (Chauí, 1999) para assumir o desafio de exercitar a construção coletiva da pesquisa qualitativa.

O iniciante e o conteúdo

Se a face formal da pesquisa qualitativa deve ser objeto de rigoroso cuidado, por outro lado existem discussões acerca deste campo que partem de outros locais de problematização para pensar sua legitimidade. É nesse quadro de referência que Pérez-Abril (2009) procura trazer as questões que superam a centralidade do método, sinônimo de procedimentos e técnicas, como balizador da legitimidade da pesquisa qualitativa. Esse deslocamento de centralidade não invalidaria o método como uma etapa importante do discurso científico, mas o localizaria ao lado de outras macrorreferências que tornam possível esse fazer específico.

Para o autor, todo enunciado científico possui condições de elegibilidade de seus argumentos que raramente são evidenciados nas produções que chegam a público (Pérez-Abril, 2009). Isso quer dizer que aquilo que é colocado como discurso científico raramente expõe o conjunto de escolhas que são realizadas, e, como produto de um processo legitimado socialmente, tais produções deixam pouca abertura para a problematização de outras possíveis interpretações acerca do processo que se institui como conhecimento.

Esta discussão evidencia uma das características apontadas anteriormente que baliza a possibilidade de coletivização da ciência, que é produção de consensos a partir dos quais determinados objetos são constituídos. Pérez-Abril (2009, p. 246) nos questiona: “do lado de quem se situam esses enunciados? Pois nunca serão neutros, que vozes falam por meio deles? Que vozes foram silenciadas, excluídas? O que ficou nos interstícios, nas rupturas, nas descontinuidades, que nunca faltam, que dificilmente se deixam ocultar?”.

Seguindo o raciocínio do autor, a suposta neutralidade do método não é senão uma produção de consenso que não encara nem a relatividade de qualquer conceito, entendendo com isso que o conceito é criação e não uma realidade em si, nem que essa postura tem ancoragens em visões de mundo que estão mais afeitas à sustentação dos próprios grupos científicos do que com o desenvolvimento da própria ciência e os efeitos ético-políticos dessas escolhas.

Seguindo ainda suas pistas, “dado que se trata de um falar **sério, acadêmico**, suas condições de legitimação estarão dadas na ordem da explicitação dos lugares desde onde se fala” (Pérez-Abril, 2009, p. 247, grifos nossos).

Observando as questões de ambos os autores (Demo, 1998; Pérez-Abril, 2009), é possível compreender o quão complexas são as tessituras que configuram as possibilidades de uma pesquisa qualitativa. Evidentemente existem outros elementos que tensionam a formação de um pesquisador iniciante; todavia, nos parece que aquilo que é exigido como critério de pertencimento ao mundo científico, qual seja, o rigor, não necessariamente é trabalhado enquanto disciplina.

Aqui estamos tomando a palavra “rigor” em sua acepção debatida por Pérez-Abril (2009), Nakamura (2011), e Bosi (2012), que fazem menção a dois domínios fundamentais de uma pesquisa qualitativa: o rigor metodológico e o rigor epistemológico. Pensados como um processo contínuo de uma investigação, ambos seriam condições imprescindíveis na constituição de sua legitimidade. Dessa forma, independentemente de onde parta o investigador iniciante, sua produção deveria conter o exercício de autoanálise (reflexividade) e análise como parte integrante do macroprocesso de formação.

Atualmente, nos parece, temos nos contentado com a percepção de que isso será mais bem assimilado no final do doutorado; todavia, essa aposta - baseada na integralização de uma formação básica - não necessariamente potencializa uma apropriação epistemológica, teórica e metodológica, entendendo esses elementos como parte de um circuito que deve dialeticamente se complementar. Na área da saúde, essas questões ganham outros elementos, ditos, não ditos, interstícios.

Epistemologia, metodologia: modos de compreender e organizar a produção do conhecimento

Embora muitas vezes as dimensões epistemológicas e metodológicas não estejam colocadas de maneira formal nas diversas modalidades de divulgação dos textos e discussões científicas, observamos que a pesquisa qualitativa na área da saúde também tem se caracterizado por essa forma de produzir a divulgação do conhecimento.

Se a tradição naturalista em saúde, proveniente da biologia, da química e da física, teve uma incidência predominante nesse campo – e ainda podemos entendê-la como hegemônica –, e seus procedimentos (de levantamento e análise de dados) predominaram historicamente, novos aportes provenientes das ciências humanas e sociais contribuíram para o alargamento dos paradigmas e condições de produção de conhecimento para além da cura das doenças (Guedes; Nogueira; Camargo Junior, 2006).

Por assimilação, muitas pesquisas qualitativas incorporaram referências metodológicas quantitativas como forma de legitimar, naquele contexto, a introdução de novos objetos em um campo que tradicionalmente não era permeado por elementos da dinâmica das relações humanas, sobretudo naquilo que concernia à dimensão variante dessas relações, como a subjetividade, o simbólico, as representações e os comportamentos.

Não foi sem efeito essa assimilação: num primeiro momento, não houve espaço para uma discussão ontológica que problematizasse a natureza dos objetos; em outras palavras, seria possível estudar a subjetividade, os processos sociais e/ou comportamentos da mesma forma que estudamos células? Teriam esses elementos uma natureza fixa que permitisse um estudo utilizando os mesmos métodos de levantamento e análise de dados?

Para esta discussão, trouxemos a questão da dicotomia ontológica que impacta nas escolhas, informadas ou não, da natureza dos processos estudados em nossas pesquisas. No campo da saúde, como vimos, esta discussão é importante porque operamos a produção de conhecimento por meio de tradições distintas. Embora a assimilação dessa

dicotomia seja algo em curso e tenha produzido deslocamentos na tentativa de superá-la (Spink, 2003), a questão do entendimento da existência *a priori* dos objetos de estudo (realismo) ou o entendimento de que ele é construído socialmente – ou seja, não existe sem o concurso da eleição histórico-cultural que determina sua possibilidade de ser de determinada forma e não de outra – ainda se configura como uma das referências do rigor científico.

Para Nakamura (2011), seria esta a tradução do rigor: o domínio esclarecido, por parte do pesquisador, da relação entre pressupostos epistemológicos e escolhas teóricas e metodológicas. Para um pesquisador experiente pode ser mais confortável estabelecer essa relação, mas para os iniciantes, sobretudo na área da saúde, isso não se dá de forma tão tranquila.

Em geral, nossas escolhas partem do objeto e fazem o caminho dos procedimentos metodológicos; todavia, sem a discussão epistemológica que situa a natureza de nosso objeto, pode ocorrer um hiato entre o que o pesquisador gostaria de estudar e aquilo que realmente está estudando. Dependendo da forma como organizam seus procedimentos de levantamento e análise de informação, sua pesquisa pode estar remetida a uma compreensão que reenquadra a lógica qualitativa dentro de uma lógica quantitativa. Dito de outra forma: embora seja possível produzir aproximações de fenômenos e objetos por diferentes lógicas de compreensão da sua natureza (González Rey, 2005), é importante que o pesquisador iniciante compatibilize de forma esclarecida, para si e para sua comunidade de destino, as referências epistemológicas, teóricas e metodológicas, conferindo a legitimidade e o rigor como debatido por Pérez-Abril (2009), Nakamura (2011) e Bosi (2012).

Sobretudo para o pesquisador da área qualitativa, cujo trabalho tem implicações ético-políticas, este dado de **reflexividade** não pode ser desconsiderado. Para Rose (1997), o exercício de entender o que somos (quais nossas concepções de homem, mundo e sociedade), quem participa conosco de nossas pesquisas e o que levantamos em termos de informação (verdade? Representação? Narrativa?), ao lado do contexto (como, onde e em quais condições fazemos isso), revela nossa posicionalidade diante dos fenômenos que estudamos, nos incluindo nesse processo de saber-fazer.

Enquanto em pesquisa quantitativa as formas de levantamento e análise de dados pressupõem uma neutralidade conferida por meio de dimensões técnicas de coleta (recursos, técnicas e procedimentos) e avaliação (estatística), a pesquisa qualitativa opera o levantamento e análise da informação posicionada, mesmo que só venhamos a saber disso *a posteriori* por meio dos efeitos ético-políticos que derivam de nossa produção de conhecimento. É com esse intuito que chamamos a atenção para a reflexividade desejada para um processo de produção de conhecimento. Como apontado por Bosi (2012), é tarefa dos programas de pós-graduação que trabalham com pesquisa qualitativa, e aqui chamamos a atenção para aqueles da área da saúde, a construção de dinâmicas de formação que pressuponham a discussão e o aprofundamento desse debate.

Para um pesquisador iniciante, para além do domínio formal de determinados modelos de levantamento e análise de informações, é preciso que esse exercício contemple sua reflexividade e posicionalidade – não só de forma estética (estilo), que se traduz no manejo jeitoso de concatenar as diversas possibilidades técnicas de pesquisa, mas, sobretudo, no domínio esclarecido que informa, no conjunto, as possibilidades de compreensão (nos termos de uma escala: centrais e periféricas) do estudo em questão.

Postas essas questões de fundo, a outra etapa do artigo pretende exercitar uma simulação de como pesquisadores iniciantes se deparam com percalços em seu processo de inserção no campo da pesquisa qualitativa na área da saúde.

Pesquisa qualitativa na área da saúde: um sobrevoo e seus indicativos

Pensamos em realizar um exercício simples, de sobrevoo, sobre o continente da produção de pesquisa qualitativa no campo da saúde. Como todo sobrevoo, aquilo que emerge como riqueza de uma topografia se perde nos meandros que uma circulação mais detida e localizada pelos espaços poderia revelar. Nossa pretensão é nos colocar no lugar de pesquisadores iniciantes e realizar um

exercício assistemático de levantamento de artigos científicos em uma plataforma especializada em conteúdo acadêmico. Com isso, pretendemos conhecer ao que tem acesso o pesquisador da área da saúde que decide pesquisar seus objetos por meio da pesquisa qualitativa, entendendo os limites óbvios deste exercício, mas tentando recuperar possíveis referências que nos ajudariam a pensar questões como quais elementos emergem deste campo de discussão e se, a partir desses elementos, seria possível pensar um enquadramento epistemológico, teórico ou metodológico para as pesquisas que são realizadas sob este enfoque.

Dessa forma, optamos por realizar um levantamento bibliográfico *online* de artigos por meio da plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ligada ao Ministério da Educação. Essa plataforma, o portal Capes,¹ reúne conteúdo acadêmico nacional e internacional que colige, além de periódicos científicos, outras bases de dados, que por sua vez organizam conteúdo acadêmico de forma temática, disciplinar e interdisciplinar. A opção por fazer o levantamento por esse portal justifica-se pelo fato de que ele é utilizado por muitos pesquisadores, tanto em razão da amplitude de periódicos contemplados em seu acervo quanto pela gratuidade de seu acesso quando no espaço acadêmico. Dessa forma, essa opção é comum e acessível a todo e qualquer pesquisador, incluindo os iniciantes.

Outra informação importante é que decidimos fazer o levantamento diretamente no portal e não nas bases específicas da área da saúde. Essa opção deu-se em razão da necessidade de levantarmos artigos das mais diversas origens, sem adesão a paradigmas previamente escolhidos. Por uma questão operacional, quando fazemos o levantamento por meio do portal, este faz uma busca nos primeiros 65.000 artigos da base como um todo. Ou seja, de todos os artigos indexados na própria base e nas demais, ocorre um processo de varredura parcial, filtrado por meio dos indexadores sugeridos.

A estratégia de busca ocorreu por assunto. Utilizamos os descritores “pesquisa qualitativa” e

1 Disponível em: <www.periodicos.capes.gov.br>.

“saúde” combinados. A busca foi restrita aos últimos cinco anos e somente aos artigos nacionais que tivessem os descritores no título. Do procedimento emergiram doze textos, dos quais restaram oito. Um dos artigos (11), embora tenha sido selecionado, não

abordava a discussão aqui enfocada, e três textos eram um editorial (10), uma carta ao editor (12) e uma resenha (8). Dessa forma, oito textos permaneceram dentro do nosso escopo de discussão e atendiam aos critérios colocados (Quadro 1).

Quadro 1 – Quadro síntese de artigos em pesquisa qualitativa no campo da saúde

Artigo	Título	Autoria	Periódico	Seção
1	Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios	Bosi, M. L. M.	<i>Ciência e Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 575-586, 2012	Debate
2	Pesquisa qualitativa de saúde ambiental: uma análise de literatura, 1991-2008	Scammell, M. K.	<i>Ciência e Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 4239-4255, 2011	Revisão
3	Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa	Minayo, M. C. S.; Guerriero, I. C. Z.	<i>Ciência e Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014	Artigo
4	Pesquisa qualitativa na produção científica do campo da bioética	Ribeiro, C. D. M. et al.	<i>Ciência e Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 2189-2206, 2014	Temas livres – Revisão sistemática – artigos na América Latina – SciELO
5	Pesquisa qualitativa em saúde: desafios atuais e futuros	Mercado-Martinez, F. J.	<i>Texto e Contexto Enfermagem</i> , Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 645-646, 2011	Red de revistas científicas de América latina, España y Portugal
6	A dimensão da ética na pesquisa em saúde com ênfase na abordagem qualitativa	Castro e Silva, C.; Mendes, R.; Nakamura, E.	<i>Saúde e Sociedade</i> , São Paulo, v. 21, n. 1, p. 32-41, 2012	Artigo completo
7	A eticidade na pesquisa qualitativa em saúde: o dito e o não dito nas produções científicas	Ramos, F. R. S. et al.	<i>Ciência e Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 15, p. 1673-1684, 2010. Suplemento 1	Artigo completo
8	Ensinando pesquisa qualitativa em saúde no Canadá: alguns avanços e novos desafios	Gastaldo, D.	<i>Ciência e Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 587-594, 2012	Resenha
9	Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos	Campos, R. O.	<i>Physis: Revista de Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1269-1286, 2011	Artigo completo

continua...

Quadro 1 – Continuação

Artigo	Título	Autoria	Periódico	Seção
10	Metodologia qualitativa e pesquisa em saúde coletiva	Camargo Junior, K. R.; Bosi, M. L. M.	<i>Physis: Revista de Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1187-1190, 2011	Editorial
11	Henry Mayhew: jornalista, investigador social e precursor da pesquisa qualitativa	Nunes, E. D.	<i>História, Ciência, Saúde: Manguinhos</i> , Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 933-949, 2012	Artigo completo
12	Sobre fazer ciência na pesquisa qualitativa: um exercício avaliativo	Oliveira et al.	<i>Revista de Saúde Pública</i> , São Paulo, v. 46, n. 2, p. 392-394, 2012	Carta ao editor

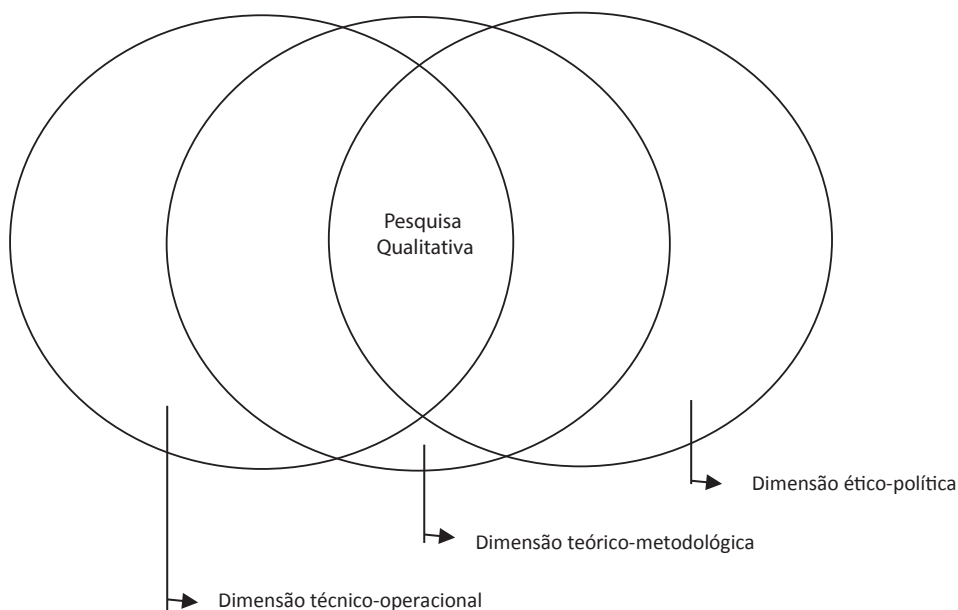
Do sobrevoo, os indicativos

Nosso hipotético pesquisador iniciante, ao se colocar diante de leituras flutuantes e recorrentes aos textos levantados, teria acesso a um amplo conjunto de discussões, todas elas implicadas com o desenvolvimento do campo da pesquisa qualitativa em saúde, embora grande parte delas mais caracterizada como pistas de um grande circuito formador desse campo do que uma rede de pontos bem estabelecida. Isso quer dizer que provavelmente

seu treinamento em pesquisa careceria de outros elos, como se pressupõe que deva ser, para consolidar tanto uma compreensão mais integrada do campo quanto sua inserção nele.

Do nosso sobrevoo mais amplo, formamos alguns esquemas interpretativos que observamos se interseccionar nos artigos levantados. Essa intersecção, dita ou não dita, mas derivada das discussões, nos ajuda a compreender – ainda que de forma parcial – o que nos artigos levantados conforma o campo da pesquisa qualitativa em saúde.

Figura 1 – Intersecção de dimensões constituintes da pesquisa qualitativa



Na Figura 1 podemos visualizar como a pesquisa qualitativa em saúde pode ser compreendida pelas dimensões que a constituem. No conjunto dos artigos, essas dimensões não aparecem formalizadas desta

maneira. Esta reconstituição esquemática, mesmo correndo o risco sempre iminente de empobrecimento, visa dar visibilidade numa ideia de conjunto àquilo que é esparso quando observado individualmente.

Quadro 2 — Elementos internos que organizam e dão sustentação à pesquisa qualitativa em saúde e a perspectiva comparativa com a pesquisa quantitativa

Pesquisa Qualitativa	Pesquisa Quantitativa
<p>Método: sinônimo de pressupostos epistemológicos, ontológicos, ético-políticos que organizam a forma como a informação será construída.</p> <p>Metodologia: sinônimo de formas de organização de procedimentos e técnicas (levantamento, análise e organização da informação).</p> <p>Pressuposto de posicionalidade e reflexividade na produção de informações. O pesquisador não é um ente indiferente à produção de informação, seus endereçamentos e efeitos.</p>	<p>Pressuposto de neutralidade, isenção ou não influência do pesquisador na produção de dados se dá por critérios exógenos (reprodutibilidade, análise estatística).</p>
<p>Ontologia: existem divergências sobre a necessidade de incorporar o construcionismo ou abandonar a dicotomia realismo × construcionismo. Nesses casos, a performatividade pode ser adotada. A terminologia é diversa e acompanha a variedade de possibilidades de referenciamento entre objeto e nome, sempre contingentes.</p>	<p>Ontologia: realista, o que é descrito existe independentemente do vocabulário que o designa. Terminologia acompanha o pressuposto ontológico (dado é aquilo que está posto e coincide natureza e nome)</p>

No Quadro 2 observamos como os artigos de pesquisa qualitativa no campo da saúde organizam suas dimensões internas, tanto expondo os elementos que constituem e justificam sua proposição como trazendo em perspectiva os elementos que constituem e justificam a pesquisa quantitativa.

Essa perspectiva de oposição, para além dos conflitos que alimentam as disputas entre os campos, reforça a ideia de que os campos são irreduzíveis, portanto irreconciliáveis; todavia, sobretudo os estudos que abdicam de assumir um estatuto de realidade baseado na dicotomia realismo *versus* construcionismo têm experimentado outras possibilidades de desenvolver pesquisas qualitativas (Spink, 2003).

A justificativa é que já se parte das experiências ético-políticas para enquadrar as materialidades, sejam elas de quais matrizes forem; este exercício inverte a posição defendida pela ontologia realista e construcionista, que lida com seus produtos *a posteriori*.

A organização dos esquemas nos permitiu o sobrevoo panorâmico. Agora, nosso pesquisador inicial vai se aproximar um pouco mais do conjunto dos textos.

Dos nossos autores iniciais (Demo, 1998; Pérez-Abril, 2009), aprendemos que a pesquisa qualitativa teve uma origem ligada ao limite teórico e técnico da pesquisa quantitativa. Enquanto paradigma, este tipo de pesquisa não conseguia responder adequadamente a fenômenos humanos e sociais mais complexos, abrindo espaço para o desenvolvimento de outros procedimentos técnicos de levantamento e análise de informações. Dessa forma, em pesquisa qualitativa ainda podemos encontrar desenhos de pesquisa muito mais voltados à lógica da formalização do estudo do que estudos cuja lógica de formalização obedecem a um ordenamento epistemológico e ético-político claro. Esse hiato nos coloca alguns problemas quando pensamos no nosso pesquisador iniciante: com um processo de formação exíguo, como e quando a

questão do método será encarada como dimensão formativa sem a qual seu exercício pode não ser tão efetivo quanto deveria?

A **questão do método** é central no processo de formação de um pesquisador. Embora seja um conceito amplo, que em algumas áreas tem como sinônimo a questão de técnicas, passos e procedimentos, o método em pesquisa qualitativa pode ser sinônimo tanto de modelo epistemológico específico quanto de um campo de discussão cujas bases forneçam sustentação a uma proposta de investigação. Como discutido por Ramos et al. (2010), é comum campos de investigação, como a saúde coletiva, subsumirem o *status* de campo epistêmico em razão da posicionalidade ético-política que assume em perspectiva com outros campos da saúde.

É por meio do método que os objetos de pesquisa ganham textura, perdendo sua suposta transparência, ao mesmo tempo que permite a eleição de formas de levantamento e análise da informação coerente com a natureza de seu objeto. Na comunicação científica, e aqui nos referimos ao campo da pesquisa qualitativa em saúde, é comum adotar a metodologia como forma de organização dos estudos - metodologia compreendida tanto como forma de levantamento quanto análise da informação, uma dimensão técnica. Há uma opacidade no que concerne à natureza do objeto. Em saúde, campo histórico das epistemologias naturalistas, abre-se precedentes para a adoção de técnicas que facilmente reificam dimensões do objeto em vez de complexificá-lo.

Embora em menor escala, as questões metodológicas foram foco de dois artigos (Campos, 2011; Mercado-Martinez, 2011) e aparecem de forma difusa em outros, nos levando a considerar suas discussões nos termos que temos desenvolvido. De forma geral, existe uma importante preocupação com os procedimentos metodológicos e sua relação, ou falta dela, com os pressupostos orientadores da pesquisa qualitativa em saúde. Essa marca, embora constante, não se revela na proposição de novas condições de pesquisa no tocante às questões que envolvem sua tecnologia. O que observamos é um apelo à tentativa de construir um arsenal coerente, mesmo que se apropriando por superação

de referências quantitativas. Isso se revela tanto nos processos de levantamento quanto de análise de informação.

De maneiras distintas, mas evidenciando o mesmo processo, alguns autores discutem a pesquisa qualitativa em saúde reportando à questão metodológica. Mercado-Martinez (2011) problematiza o uso da *ground theory* em grande parte dos estudos qualitativos na América do Sul e o quanto isso impacta em sua baixa inserção científica nos países desenvolvidos. O autor questiona a possibilidade de ampliar os métodos utilizados nas pesquisas, sobretudo acenando para a possibilidade de utilização da fenomenologia e da hermenêutica (Mercado-Martinez, 2011), enquanto Campos (2011) discute o uso de métodos participativos na proposição de pesquisas qualitativas em saúde. Para tanto, explora as dimensões da pesquisa participativa em seu aspecto metodológico interno à técnica e o quanto isso satisfaz os critérios de validade da pesquisa qualitativa (Campos, 2011).

Das discussões precedentes é possível dizer que nosso pesquisador iniciante estaria confuso com a profusão de entendimentos que cercam a questão do método. Do que observamos por meio dos artigos, a questão do método como um organizador geral do processo de eleições do que será estudado e como será estudado não figura como eixo articulador da pesquisa qualitativa em saúde. Questões sobre a origem daquele conhecimento e a natureza daquilo que se quer conhecer são tangenciados sem que se explicita sua condução formal naquilo que é denominado por metodologia, sinônimo de técnicas e procedimentos. Para Bosi (2012), mesmo essa dimensão técnica carece de desenvolvimento conceitual e terminológico. A metáfora da Torre de Babel que utiliza para descrever tanto a riqueza do campo quanto a dificuldade de estabelecer parâmetros comuns nos dá algumas pistas de quão complexa é a tarefa de encontrar os pontos dessa rede.

Outra questão que emergiu da análise dos artigos está ligada à **dimensão ético-política** que o campo da pesquisa qualitativa em saúde comporta. Como nos lembra Pérez-Abril (2009), as condições que determinam a eleição de conceitos,

técnicas e procedimentos não são arbitrárias, e revelar essas escolhas implica o desenvolvimento situado de nossas pesquisas; como pressupõe o autor, as pesquisas não são entes a-históricos que são trazidos à terra por meio de técnicas neutras. Como produção humana, toda e qualquer pesquisa carrega as marcas de seu tempo e espaço, demandando, por parte de seus autores, a clareza e o esclarecimento quanto à produção. Esta discussão tem ligação com o fato de que a incidência da produção científica impacta as relações sociais e os pesquisadores não podem se desvincular dessa responsabilidade, seja no que deriva de sua utilização, seja no que deriva das questões que ela desperta, toca, tangencia.

Essa questão implica desdobramentos epistemológicos, teóricos e técnicos que precisam ser considerados. Sem natureza fixa, os termos de uma pesquisa qualitativa demandam uma coerência interna não somente porque isso evidencia uma construção metodológica rigorosa, mas justamente pela implicação que existe entre essa construção e seus efeitos nas relações humanas. Não existindo vácuo teórico, como aquele que pressupõe a irredutibilidade entre sujeito e objeto, questões como neutralidade, reprodutibilidade, validade, entre outras, perdem sua capacidade heurística, evidenciando questões ligadas à implicação do pesquisador nas relações de pesquisa que estabelece ou a produção de um conhecimento que é situado social e historicamente, portanto remetendo-o constantemente à diversidade de sentidos e significados daquilo que estuda.

Como pudemos perceber na grande parte dos artigos, os autores sustentam a legitimidade da pesquisa qualitativa em saúde (Bosi, 2012; Campos, 2011; Castro e Silva; Mendes; Nakamura, 2012; Minayo; Guerriero, 2014; Ramos et al., 2010; Ribeiro et al., 2014) de forma coerente com os pressupostos epistemológicos deste campo, ou seja, não pressupõem a redução dos elementos investigados a uma natureza fixa, tampouco isolada. A natureza transitória e reticular dos elementos é processo e produto da própria condição humana, portanto sua característica fundamental é ser constituída socialmente, embora sua fenomenologia possa ser expressa individualmente.

Considerações finais

Apesar do aumento das publicações de pesquisas qualitativas no Brasil e no mundo, a diversidade de referências que constituem aquilo que chamamos de pesquisa qualitativa é grande e ainda não conseguimos equalizar a necessidade de aproximações terminológicas, metodológicas, conceituais, ontológicas e epistemológicas, principalmente na área da saúde, em que a tradição epistemológica das ciências naturais prepondera (Bosi, 2012; Minayo; Guerriero, 2014).

Bosi (2012, p. 579) refere-se à Torre de Babel como metáfora para a “multiplicidade de rótulos designando paradigmas, teorias, métodos, enfoques e/ou estratégias de pesquisa” em saúde. Segundo a autora, isso pode ocorrer por tratar-se de um campo interdisciplinar, mas questiona se há realmente tanta diversidade epistemológica na área ou se pouco nos atentamos às demandas por qualificação interna da pesquisa qualitativa em saúde.

Em um contexto dominado historicamente pela pesquisa quantitativa, essa observação não pode ser menosprezada. Como apontado por Demo (1998), o *modus operandi* da pesquisa quantitativa, para além de sua sustentabilidade ligada às formas hegemônicas de justificação da realidade, manteve-se em constante desenvolvimento interno, possibilitando formas mais contundentes de justificar-se enquanto hegemonia. Nesse sentido, e aqui retomamos nosso objetivo de problematizar os processos de ensino-aprendizagem ligados à pesquisa qualitativa em saúde, a questão da formação de pesquisadores nesta área demanda atenção.

Conforme discutido por Ramos et al. (2010) e Bosi (2012), os programas de pós-graduação precisam assumir a tarefa de propor formações especializadas em pesquisa qualitativa. Assumindo o debate do interno ao campo, os desafios são enormes. Ao lado das discussões fundamentais que caracterizam mais intensamente a pesquisa qualitativa no campo da saúde (dimensões ético-políticas e teórico-metodológicas), temos as discussões das dimensões técnico-operativas. De antemão, se entendemos a pesquisa qualitativa situada, ou seja, esclarecida para o próprio pesquisador e

para sua comunidade de origem, questões como posicionalidade e reflexividade precisam estar ao lado do desenvolvimento técnico dessas questões.

Esse desafio não é fácil. Como já citamos, concorrem com todas essas questões todas as outras, consideradas mais externas, que impactam igualmente a produção da PQS: escassez de financiamento, produtivismo, *salami science*, redução dos processos de formação de jovens pesquisadores, esgotamento de orientadores, entre outras. Parece-nos que a forma como a academia vem equacionando essas questões, em seu conjunto, mais contribui para o aprofundamento dessas características do que para um enfrentamento consistente das fontes dessa produção. No nosso exercício, um jovem pesquisador ficaria muito mais tentado a se juntar à fragmentação e à parcialidade do que tentar reconstituir esse entendimento geral para investir em sua inserção posicionada e refletida.

Referências

- BAKER, S. C.; EDWARDS, R. *How many qualitative interviews is enough?* Expert voices and early career reflections on sampling and cases in qualitative research. Southampton: NCRM, 2012. (National Centre for Research Methods Review Paper). Disponível em: <<https://bit.ly/2rRfrkq>>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- BAZELEY, P. Defining 'early career' in research. *Higher Education*, New York, v. 45, n. 3, p. 257-279, 2003.
- BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, p. 129-139, 2014. Número especial.
- BOSI, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 575-586, 2012.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: Ortiz, R. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 2003. p. 122-155.
- CAMARGO JUNIOR, K. R.; BOSI, M. L. M. Metodologia qualitativa e pesquisa em saúde coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1187-1190, 2011.
- CAMPOS, R. O. Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1269-1286, 2011.
- CASTRO E SILVA, C.; MENDES, R.; NAKAMURA, E. A dimensão da ética na pesquisa em saúde com ênfase na abordagem qualitativa. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 32-41, 2012.
- CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Sorocaba, v. 4, n. 3, p. 3-8, 1999.
- CLARKE, M. Reconceptualising mentoring: reflections by an early career researcher. *Issues in Educational Research*, Melbourne, v. 14, n. 2, p. 121-143, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2sA8lQ1>>. Acesso em: 14 maio 2016.
- DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, 1998.
- GASTALDO, D. Ensinando pesquisa qualitativa em saúde no Canadá: alguns avanços e novos desafios. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 587-594, 2012.
- GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
- GUEDES, C. R.; NOGUEIRA, M. I.; CAMARGO JUNIOR, K. R. A subjetividade como anomalia: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1093-1103, 2006.
- MERCADO-MARTINEZ, F. J. Pesquisa qualitativa em saúde: desafios atuais e futuros. *Texto e Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 645-646, 2011.
- MEZAN, R. O fetiche de quantidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 maio 2010. Caderno Mais, p. 3.
- MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa.

- Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014.
- NAKAMURA, E. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 95-103, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2JbcFjb>>. Acesso em: 8 nov. 2015.
- NUNES, E. D. Henry Mayhew: jornalista, investigador social e precursor da pesquisa qualitativa. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 933-949, 2012.
- OLIVEIRA et al. Sobre fazer ciência na pesquisa qualitativa: um exercício avaliativo. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 392-394, 2012.
- PÉREZ-ABRIL, M. A propósito de la legitimidad en la investigación cualitativa. *Magis: Revista Internacional de Investigación en Educación*, Bogotá, v. 1, n. 2, p. 235-248, 2009.
- PRAXEDES, W. O intelectual sem qualidades. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 9, n. 100, p. 23-26, 2009. Edição especial.
- RAMOS, F. R. S. et al. A eticidade na pesquisa qualitativa em saúde: o dito e o não dito nas produções científicas. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1673-1684, 2010. Suplemento 1.
- REINACH, F. Darwin e a prática da 'Salami Science'. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 2013. p. 33.
- RIBEIRO, C. D. M. et al. Pesquisa qualitativa na produção científica do campo da bioética. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 2189-2206, 2014.
- ROSE, G. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. *Progress in Human Geography*, Thousand Oaks, v. 21, n. 3, p. 305-320, 1997.
- SCAMMELL, M. K. Pesquisa qualitativa de saúde ambiental: uma análise de literatura, 1991-2008. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 4239-4255, 2011.
- SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. R. *Trabalho intensificado nas federais*: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.
- SILVA, A. O. Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 9, n. 100, p. 1-5, 2009. Edição especial.
- SPINK, M. J. P. Subvertendo algumas dicotomias instituídas pelo hábito. *Athenae Digital*, Cerdanyola del Vallès, n. 4, p. 1-7, 2003.

Contribuição dos autores

Alexandro da Silva realizou parte do processo de levantamento e análise das informações e a organização final do texto. Ludmila de Moura realizou parte do processo de levantamento e análise das informações. Carlos Roberto de Castro e Silva orientou a delimitação do campo de discussão, assim como a supervisão de todo o processo de levantamento, análise e consolidação do texto.

Recebido: 02/11/2015

Aprovado: 29/03/2018